



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
**22 a 24 de Setembro de 2016**  
São Cristóvão/SE - Brasil



**ISSN: 1982-3657**

## **REPRESENTAÇÕES LEXICAIS DOS FALARES DA LIBRAS EM SERGIPE: UMA PROPOSTA DE REGISTRO DOS SINAIS REGIONAIS**

MONICA DE GOIS SILVA BARBOSA

VALÉRIA SIMPLICIO DA SILVA

MARGARIDA MARIA TELES

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

~~Resumo

Este artigo é resultante de um dos desdobramentos do Projeto "Dicionário dos falares sergipanos de Língua Brasileira de Sinais", desenvolvido a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Edital nº 02/2015 POSGRAP/COPES/UFS. O objetivo deste artigo é mostrar a importância de um registro das variantes lexicais que ocorrem e são usadas nessa língua em Sergipe, com a finalidade de aumentar a representatividade documental desses sinais regionais. Utilizamos como base teórica, principalmente, os estudos sobre variação linguística. Os resultados encontrados nesta pesquisa nos levam a uma reflexão sobre a importância do registro dos itens lexicais (sinais) da LIBRAS, criados e usados pelos falantes desta língua em Sergipe. Palavras-chaves: LIBRAS; sinais regionais; variantes linguísticas Abstract

This article is a resulting of one of the project's developments "Dictionary of Sergipe speak of Brazilian Sign Language", developed from the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC), Notice No. 02/2015 POSGRAP / COPES / UFS. The objective of this article is to show the importance of a record of lexical variants that occur and are used in that language in Sergipe, with the purpose to increase the documentary representation of these regional signals. We used as theoretical basis, mainly studies of linguistic variation. The results found in this research lead us to reflect on the importance of registration of lexical items (signs) of LSB, created and used by speakers of this language in Sergipe.

Keywords: LBS; regional signals; linguistic variants

~~Introdução A LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais é uma língua espaço-visual, ou seja, articula-se espacialmente e percebe-se visualmente. É natural da comunidade surda brasileira e assim como as línguas orais, surgiu da interação e da necessidade de comunicação. A partir do reconhecimento linguístico da LIBRAS através da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 a comunidade surda brasileira tem o reconhecimento da LIBRAS como sua primeira língua.

Tratando-se de um reconhecimento recente, investigações são necessárias para um maior conhecimento lingüístico da mesma. Preocupados com isso, professores do Colegiado de Letras LIBRAS do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe desenvolvem, desde julho de 2015, o projeto de pesquisa intitulado: "Dicionário dos Falares Sergipanos da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS."

Essa pesquisa possibilitará o conhecimento e a divulgação de sinais, permitindo a comunidade surda e ouvinte um enriquecimento de vocabulário sobre os sinais utilizados pela comunidade sergipana.

A escolha do objeto de investigação deste estudo se deve a inquietações oriundas da convivência na comunidade surda e do trabalho com alunos surdos, verificando assim, a necessidade de ampliar o conhecimento lexical de sinais para um maior conhecimento lingüístico da LIBRAS.

Deve-se, aqui, ressaltar, que o objetivo inicial da pesquisa foi registrar, em forma de dicionário, as variações de sinais/léxico da classe gramatical de substantivo; criados pela comunidade surda aracajuana, que se configuram como regionalismo na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Com o desenvolvimento do trabalho outras necessidades foram sendo observadas e os objetivos iniciais foram alterados, mudando, conseqüentemente, a metodologia do trabalho desenvolvido. Assim, a pesquisa centrou-se em investigar alguns sinais - nas categorias: municípios sergipanos, bairros, pontos turísticos, pontos comerciais, bancos - que são utilizados pela comunidade surda sergipana a fim de catalogar e divulgar em forma de glossário.

Deste modo, diante da relevância do assunto e da escolha desse objeto de estudo, com a produção deste artigo busca-se descrever como foi o desenvolvimento do projeto, ressaltando seus benefícios para comunidade surda. Portanto, para discutir todas as questões acima suscitadas, este artigo está sistematicamente desenvolvido obedecendo as etapas de fundamentação do projeto, apresentação da metodologia e seus impactos para comunidade acadêmica.

Ampliando o conhecimento do léxico da LIBRAS As pesquisas recentes têm mostrando que essa língua é tão compatível em complexidade e expressividade quanto qualquer língua oral, embora, por muitos séculos tenha sido considerada como linguagem gestual ou pantomimas. (QUADROS, 2004). Há também a crença de que haveria uma única língua de sinais no mundo usada por todas as pessoas surdas, sendo essa convicção errônea, porque cada país possui uma língua de sinais

própria.

Como qualquer língua, a LIBRAS apresenta uma gramática, como afirma Ferreira-Brito (1998), constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam também especificidades e princípios básicos gerais. Também é dotada de componentes pragmáticos convencionais codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais.

Os linguistas, ao estudarem qualquer comunidade que usa uma língua, constata, logo de imediato, a existência dessa diversidade e/ou de variação, ou seja, uma comunidade linguística se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de usar a língua e, no caso da comunidade surda, de usar a língua de sinais. Contudo, comparada às línguas orais, existem poucas pesquisas no Brasil sobre variações regionais em LIBRAS, há base empírica para que estudiosos invistam em pesquisas sobre as variações, devido às inúmeras comunidades linguísticas sinalizadas.

O Brasil é constituído por mais de duzentas comunidades linguísticas diferentes. De acordo com Calvet (2007, p. 200): Emerge em vários fóruns o conceito de 'línguas brasileiras': línguas faladas por comunidades de cidadãos brasileiros, historicamente assentadas em território brasileiro, parte constitutiva da cultura brasileira, independentemente de serem línguas indígenas ou de migração, línguas de sinais ou faladas por grupos quilombolas. Em relação às inúmeras comunidades linguísticas de línguas faladas/orais e sinalizadas no Brasil, acontece de acordo com Mollica (2008) essa variação linguística, pois isso se constitui de um fenômeno universal nas línguas e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Esse fenômeno está presente em todas as línguas vivas, contudo, as diferenças regionais não são barreiras dialetais para compreensão mútua entre seus usuários.

As línguas faladas/orais ou sinalizadas não são uniformes e nem homogênea. Para Bagno (1999) há o mito da "unidade linguística" que é um preconceito apropriado pela sociedade e reforçado nas instituições escolares para impor normas de maior ou menor prestígio social. Segundo o autor, a única unidade existente nas línguas é que elas se constituem de muitas variedades, que podem ocorrer nos níveis fonológicos, (pronuncia, ou seja, sotaques), morfológico (palavras ou itens lexicais) e sintático (sentenças) atrelados a situações geográficas e sociais.

Vale ressaltar que, como qualquer outra língua, a LIBRAS apresenta variedades linguísticas. Essas variedades entre os surdos cariocas, paulistas, paraenses, sergipanos/aracajuano, é permeada de uma relação não neutra, assimétrica e muitas vezes conflituosa, tornando uma variante mais prestigiosa do que a outra. Fato observado em alguns sinalizadores ouvintes e surdos nas relações de poder que envolve a escolha de um determinado sinal e pela resistência em aceitar a pluralidade de sinais ou a variação da língua. Nem sempre esses sinais são registrados, compreendidos e reconhecidos pela comunidade surda. Tal fato interfere, tanto no processo de

aprendizagem da pessoa surda na sua formação acadêmica, quanto no próprio ensino da LIBRAS. Entretanto, na Comunidade Surda Sergipana, tem-se identificado criação e/ou modificação de sinais da LIBRAS que podem otimizar o processo de ensino-aprendizagem, mas estes sinais precisam ser catalogados, registrados e divulgados para os estudantes, tradutores/intérpretes, professores, pesquisadores da área e demais comunidades.

A falta desses registros, escrito e/ou virtual, tem motivado docentes e discentes da Universidade Federal de Sergipe a pesquisar junto à Comunidade Surda sinais regionais dos falantes da LIBRAS no estado de Sergipe.

Nesse contexto, nasceu o "Projeto Dicionário dos Falares Sergipanos da LIBRAS", inicialmente com a intenção de catalogar, registrar, publicar, divulgar e disseminar as variantes lexicais representados por sinais criados e/ou modificados pela Comunidade Surda Aracajuana, alterando-se para investigar os sinais nas categorias elencadas acima.

Portanto, o "Projeto Dicionário dos Falares Aracajuanos da LIBRAS", define-se como um dicionário regional - Português/LIBRAS, que se propõe a atender as necessidades de registrar a formação de unidades lexicais, ou seja, os sinais relacionados a termos regionais e estaduais. Tais sinais, além de filmados, serão registrados em Signwriting, Sistema de Escrita de Línguas de Sinais. "O Signwriting é uma escrita visual direta através da qual é possível ler e escrever as línguas de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral." (BARRETO, 2012, p. 42).

Por ser o sistema de escrita de sinais mais aceito pela Comunidade surda do Brasil e por ter sido o sistema adotado pela UFS no curso de licenciatura Letras LIBRAS, esse sistema será utilizado também no registro escrito do referido dicionário.

O dicionário regional bilíngue - Português/LIBRAS servirá como material didático/pedagógico para subsidiar alunos, instrutores, tradutores/intérpretes, professores e demais participantes da comunidade surda, além disso, contribuirá para a difusão da LIBRAS na Universidade Federal de Sergipe/UFS.

A coleta de dados: passos metodológicos A pesquisa de campo para coleta dos dados foi realizada em duas etapas, baseadas em abordagens quantitativa e qualitativa que se consistiu na observação e registro direto das produções de sinalizadores da LIBRAS.

A primeira etapa consistiu na listagem dos sinais a serem pesquisados para coleta dos dados, ou seja, dos sinais que comporam o dicionário. A segunda foi a de coleta dos dados, nos espaços onde os usuários da LIBRAS, em instituições de ensino, associações e outros espaços. Para a coleta dos sinais, foram utilizadas várias listas de verbetes em Português. Essas listas, na fase de coleta de dados, foram levadas aos informantes para que eles vertessem o verbete em Português para o sinal correspondente da LIBRAS.

Eram apresentadas as palavras em língua portuguesa previamente selecionadas de acordo com as categorias que estariam disponíveis no dicionário e solicitado que esses colaboradores sinalizassem

como as usavam no cotidiano. Percebeu-se desde o início a riqueza de variações linguísticas que se apresentavam em torno dos léxicos. Havia, em muitos casos, várias possibilidades de sinalização para a mesma palavra. Nenhuma foi descartada. Nosso objetivo era justamente colher essas variações, o que tornaria esse projeto singular, valorizando o regionalismo como uma marca da “sergipanidade” da LIBRAS.

Situações contrárias a essas também apareceram, algumas palavras simplesmente não possuíam sinais específicos na LIBRAS, fazendo seus usuários utilizarem do recurso da datilologia, considerado um empréstimo linguístico do Português, para expressar-se, ou ainda explicar o conceito/sentido da palavra por meio de expressões em LIBRAS, mas não consideradas como sinal específico. Nesses casos, as palavras foram descartadas, uma vez que não contemplavam nosso objetivo real.

Os sinais foram coletados com base em categorias semânticas, para possibilitar a instrumentalização dos resultados para apoio pedagógico e facilitar a aprendizagem, compreensão e uso funcional no cotidiano. A distribuição das entradas em conteúdos semânticos facilita o preparo de aulas temáticas utilizando os sinais registrados, possibilitando o enriquecimento do vocabulário instrumental da LIBRAS.

Assim como as línguas orais, as línguas de sinais também possuem variações linguísticas. Segundo Strobel e Fernandes (1998) podem e costumam ocorrer variações regionais, que mudam de um país para outro, de um estado para outro, ou até mesmo de uma cidade para outra.

Partindo do princípio das variantes linguísticas regionais, foram confeccionadas listas de verbetes relacionados à categoria “localidades”. Sendo elas: municípios de Sergipe, bairros da capital sergipana, instituições educacionais de ensino superior, bancos, locais de lazer e pontos turísticos.

#### Quadro 1 – Verbetes coletados

##### CATEGORIA: LOCALIDADES

###### Municípios de Sergipe

Bairros de Aracaju Pontos turísticos e locais de lazer Instituições de educação superior Bancos

Aquidabã Aeroporto Calçadão João Pessoa Privadas Banco Bradesco

Aracaju América Calçadão da Treze de Julho Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe - FANESE Banco do Brasil

Areia Branca Atalaia Casa da Ciência e Tecnologia de Aracaju Faculdade Pio Décimo Banco do Estado de Sergipe - BANESE

Barra dos Coqueiros Bugio Catedral Metropolitana Faculdade São Luís de França Banco Itaú

Boquim Centro Centro de Arte e Cultura de Sergipe Faculdade de Sergipe – FASE Caixa Econômica Federal

Campo do Brito Cidade Nova Centro Histórico de Aracaju (Mercado) Faculdade Serigy – FASERGY

Canindé de São Francisco Cirurgia Centro Turístico (Rua 24 Horas) Universidade Tiradentes – UNIT

Capela Coroa do Meio Cidade História de São Cristóvão  
Carira Farolandia Cidade História de Laranjeiras Públicas  
Carmópolis Getúlio Vargas Cinema Cinemark Instituto Federal de Sergipe – IFS  
Cedro de São João Grageru Colina e Igreja Santo Antônio Universidade Federal de Sergipe UFS  
Cristinápolis Inácio Barbosa Farol da Farolandia  
Divina Pastora Industrial Fazenda Boa Luz  
Estância Japãozinho Mine Zoológico (Parque da Cidade)  
Feira Nova Jardim Centenário Museu da Gente Sergipana  
Frei Paulo Jardins Museu da Imagem e do Som  
General Maynard José Conrado Museu de Artesanato de Sergipe  
Gracho Cardoso Lamarão Oceanário  
Ilha das Flores Luzia Orla de Atalaia  
Indiaroba Mosqueiro Orlinha do Bairro Industrial  
Itabaiana Novo paraíso Parque da Sementeira  
Itabaianinha Pereira Lobo Passarela do Caranguejo  
Itabi Ponto Novo Praça Olímpio Campos  
Itaporanga d'Ajuda Porto Dantas Praia da Atalaia  
Japarutuba Salgado Filho Praia da Coroa do Meio  
Lagarto Santa Maria Praia do Mosqueiro  
Laranjeiras Santos Dumont Praia Pirambu  
Macambira São José Projeto Tamar  
Malhador Siqueira Campos Shopping Jardins  
Maruim Treze de Julho Shopping Prêmio  
Moita Bonita Shopping Riomar  
Neópolis Teatro Atheneu  
Nossa Senhora Aparecida Teatro Tiradentes  
Nossa Senhora da Glória Teatro Tobias Barreto  
Nossa Senhora das Dores Xingó  
Nossa Senhora de Lourdes  
Pirambu  
Poço Redondo  
Poço Verde  
Porto da Folha  
Propriá  
Riachão do Dantas Riachuelo  
Ribeirópolis

Rosário do catete

Salgado

Santa Luzia do Itanhhy

Santa Rosa de Lima

Santo Amaro das Brotas

São Cristóvão

São Domingos

São Francisco

São Miguel do Aleixo

Simão Dias Tobias Barreto

Umbaúba

Fonte: elaborado pelas autoras Para filmagem em campo, foram empregadas câmeras de celulares, e para registro e armazenamento de filmes digitalizados foram usados pendrives e HD externo.

Segundo Gonsalves (2001, p.67): "A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto.

Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]."

Nesse momento, pesquisadores farão filmagem dos sinais e catalogação dos sinais, de modo a representar, de maneira mais real, os itens lexicais.

Os informantes eleitos foram pessoas surdas usuárias da LIBRAS, professores surdos e ouvintes proficientes no uso e ensino da LIBRAS, e intérpretes proficientes no uso e interpretação LIBRAS. Todos foram convidados a participar da pesquisa de forma voluntária e colocados a par de todos os objetivos do trabalho. Quadro 2 – Informantes da pesquisa

#### INFORMANTES DA PESQUISA

Surdos usuários proficientes da LIBRAS (20 a 35 anos de idade) Professores ouvintes proficientes para o uso e ensino da LIBRAS Intérpretes proficientes para o uso e interpretação da LIBRAS

Quantidade 4 1 1

Fonte: elaborados pelas autoras Deve-se ressaltar que, no que se refere aos resultados preliminares, há a falta de alguns itens a serem coletados dentre o grupo de verbetes. Sendo eles: oito bairros de Aracaju, quinze municípios de Sergipe, oito instituições de ensino superior, seis instituições bancárias e vinte sete pontos turísticos/locais de lazer. Supõe-se que o não conhecimento do vocábulo por parte dos informantes da pesquisa pode ser pela carência de vivência nessas localidades, pois de acordo com Quadros (2003), a Língua de Sinais é baseada nas experiências mediante interações culturais da comunidade surda ocasionando a não

convencionalidade destes sinais/vocábulos.

Após a coleta dos sinais que irão compor o Dicionário, os mesmos foram filmados e gravados em vídeo por usuários da LIBRAS. Considerações finais Por meio da elaboração e utilização do Dicionário dos Falares Sergipanos da LIBRAS, espera-se contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos e ouvintes e que o mesmo sirva como veículo de comunicação e suporte na educação de surdos e ouvintes, bem como para melhoria no processo de comunicação e interação das pessoas surdas na comunidade universitária.

Com a divulgação da variedade linguística pertencente à comunidade surda sergipana, espera-se uma melhoria nas condições de difusão da LIBRAS dentro da Universidade Federal de Sergipe e na comunidade em geral.

O Projeto Dicionário dos Falares Sergipanos da Língua Brasileira de Sinais terá continuidade, com o seu desenvolvimento a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Edital nº 02/2016 POSGRAP/COPES/UFS, onde será ampliado as categorias dos vocábulos a serem pesquisados, para que haja o maior número de registro possível dos sinais regionais da LIBRAS em Sergipe.

~~Referências BAGNO, M. Preconceito Linguístico: o que é e como se faz. São Paulo: Edições Loyola. 1999. BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. Escrita de Sinais sem mistérios. Editora do Autor: Belo Horizonte, 2012. BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As Ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires & ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. 268 p. CALVET, Louis-Jean. As políticas linguísticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D.(Org.). Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. 3. ed. São Paulo: Edusp/ MEC, 2012. FERREIRA-BRITO, L. Língua Brasileira de Sinais-Libras. (Org.) BRASIL, Secretaria de Educação especial. Brasília: SEESP, 1998. GONSALVES, Elisa Pereira. Iniciação à Pesquisa Científica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001. GOLDFELD, Márcia. A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 4ªed. São Paulo: Plexus Editora, 2002. JÚNIOR, Gláucio de Castro. Variação Linguística na Língua Brasileira de Sinais – Foco no Léxico. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Brasília, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília MARIA Luiza Braga. Introdução à sociolingüística. 3 ed.1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. SOFIATO, C. G. (2011). Do desenho à litografia: A origem da língua brasileira de sinais.Tese de doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.

~~ Professora da Universidade Federal de Sergipe/UFS, do Departamento de Letras



Estrangeiras/DLES, no Curso de Licenciatura em Letras-LIBRAS; Mestre em Letras pela UFS; Especialista em LIBRAS e em Educação Inclusiva. Membro do Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência. Email: monicagsb@yahoo.com.br

Professora da Universidade Federal de Sergipe/UFS, do Departamento de Letras Estrangeiras/DLES, no Curso de Licenciatura em Letras-LIBRAS; Mestre em Educação pela UFS; Especialista em LIBRAS, Educação Especial e Educação Inclusiva. Membro do Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência. Email: vsimplicyo@hotmail.com

.  
Professora da Universidade Federal de Sergipe/UFS, do Departamento de Educação, no Curso de Pedagogia; Mestre em Educação pela UFS; Especialização em Psicomotricidade, Educação de Surdos e Atendimento Educacional Especializado (AEE). Membro do Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência. Email: mm-teles@hotmail.com

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 10/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: